



Revista Fenexis: Estudos Fenomenológico-Existenciais

A VISÃO DE SAÚDE EXISTENCIAL E A GESTALT-TERAPIA: ASPECTOS CONCEITUAIS

*THE VISION OF EXISTENTIAL HEALTH AND GESTALT-THERAPY: CONCEPTUAL
ASPECTS*

Kaire Josy Costa da Silva ¹
Roberta Martins Rabelo ²
Luciane Patrícia Yano ³

Recebido em: 11/10/23 – Aceito em: 11/10/23 – Publicado em: 25/10/2023.

RESUMO

Estudo de abordagem qualitativa na modalidade exploratória, com objetivo de desenvolver o conceito de saúde existencial com base nos referenciais teóricos da Gestalt-terapia. A pesquisa contou com dezesseis referenciais teóricos publicados preferencialmente nos últimos cinco anos, com exceção para obras clássicas na literatura do existencialismo e da Gestalt-terapia. A análise de conteúdo resultou em duas categorias: “existência” e “saúde”, e a partir delas quatro subcategorias: Existência na relação; Existência é a construção de si mesmo: um projeto de ser na indeterminação; Existência é angústia, liberdade e autenticidade; Relação entre saúde em Gestalt-terapia e existencialismo: uma aproximação ao conceito de saúde existencial. Após a execução da pesquisa, considera-se que o tema saúde existencial é contemporâneo e relevante com potencial teórico-prático para além da área da saúde.

Palavras-chave: Saúde existencial. Existência. Saúde. Gestalt-terapia. Existencialismo.

ABSTRACT

Study of qualitative approach in the exploratory modality, with the objective of developing the concept of existential health based on the theoretical references of Gestalt-therapy. The research had sixteen theoretical references published preferably in the last five years, with the exception of classical works in the literature of existentialism and Gestalt-therapy. Content analysis resulted in two categories: "existence" and "health", and from them four subcategories: Existence in the relationship; Existence is the construction of oneself: a project of being in indeterminacy; Existence is anguish, freedom and authenticity; Relationship between health in Gestalt-therapy and existentialism: related to existential health concept. At the end of the, it is considered that the theme Existential Health is contemporary and relevant with theoretical-practical potential beyond the health department.

Keywords: Existential health. Existence. Health. Gestalt-therapy. Existentialism.

¹ Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: kairejosyc@gmail.com

² Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: robertamrabelo@hotmail.com

³ Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: lucianepyano@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde – OMS – (1947 como citado em Gaiano *et al.*, 2018, p. 110), define: "A saúde é um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não consiste apenas na ausência de doença ou de enfermidade". Essa definição, embora represente os avanços históricos no campo da saúde, por ampliá-la a uma perspectiva biopsicossocial que não se reduz à ausência de doença ou de enfermidade, deixa a desejar por uma idealização de saúde completa, uma concepção inalcançável (Gaino *et al.*, 2018; Paula *et al.* 2021). Além disso, evidencia-se a influência do modelo cartesiano – corpo-mente – no conceito de saúde (Roehe, 2018), que segrega a relação do ser humano com o mundo, e desconsidera seus aspectos saudáveis.

Essa perspectiva dualista – corpo-mente –, é contestada pelas filosofias da existência, que trata a saúde como um fenômeno singular, não dicotômico, inerente ao ser humano, contradiz, assim, o universalismo e a fragmentação da pessoa a qual privilegia atributos humanos em relação ao todo (Cardoso, 2013; Roehe, 2018). Nesse sentido, a ideia existencial vai de encontro à perspectiva da OMS de um ideal de saúde completa, um estado de perfeição predeterminado, pois, para o existencialismo a pessoa constrói sua própria saúde, de modo contínuo, indeterminado, conforme suas vivências e possibilidades em seu contexto de vida. A perspectiva existencial acrescenta as ideias de que as concepções saúde/adoecimento estão diretamente relacionadas ao modo de ser/existir (Cardoso, 2013; Mascaro, 2019; Roehe, 2018).

A Abordagem Gestáltica – AG⁴ – se baseia no existencialismo para compreender o homem e manter nele seu enfoque principal (Cardoso, 2013; Motta *et al.*, 2020). A prática de cuidado na AG, mantém uma atitude de desapego de si e leva em consideração o ser humano em sua forma singular, subjetiva, responsável e em constante experiência. Despojada de técnicas, a Gestalt-terapia – GT⁵ – almeja compreender a maneira como a pessoa existe em sua relação com o mundo, seja na saúde ou no adoecimento (Cardoso, 2013; Motta *et al.*, 2020).

Embora haja predominância de uma visão tradicional – dualista: mente-corpo –, perspectiva essa que reduz a existência da pessoa a um diagnóstico/doença (Barlow; Durand, 2015; Straub, 2014), observa-se que, ao longo do processo histórico da evolução do conceito de saúde –

⁴ AG: Abordagem Gestáltica

⁵ GT: Gestalt-terapia

epistemológico e clínico –, existe um movimento em construção, com origem no existencialismo (Cardoso, 2013; D’Acri *et al.*, 2016; Roehe, 2018), em busca de uma visão holística da pessoa.

Nesse sentido, este trabalho teve uma significância como forma de cuidado para com o outro, pois acredita-se que os resultados encontrados têm o potencial de auxiliar no processo de uma possível aproximação quanto ao conceito de “saúde existencial” na perspectiva da GT, assim como, propagar no meio científico e não científico os benefícios de se pensar a saúde por uma perspectiva teórico-prática fenomenológico-existencial.

A respeito dessa concepção integral do ser humano, identificam-se atualmente, em palestras, aulas e outros meios de diálogo uma tendência à aplicação da expressão “saúde existencial”, dentre eles: “Seja bem-vindo ao meu canal: lugar de acolhimento e de saúde existencial.” (Fukumitsu, 2020); “O Conselho Federal de Psicologia - CFP - participa do Encontro Ludovicense de Fenomenologia, Psicologia Fenomenológica e Filosofias da Existência, realizado em São Luís (MA). Com o título ‘Saúde existencial, pré-conceito e tolerância’” (Conselho Federal de Psicologia, 2016); os artigos “Saúde e adoecimento existencial: o paradoxo do equilíbrio psicológico” (Forghieri, 1996) e “Saúde Existencial: vivência a ser periodicamente reconquistada” (Forghieri, 2004); “Viva em Plenitude Série Saúde Existencial - Episódio 10 - Saúde Existencial” (Instituto Brasileiro de Plenitude Humana, 2010).

No entanto, ao longo das pesquisas preliminares, vislumbrou-se a escassez de estudos sobre o tema na literatura científica, compreendido como uma lacuna, que pode ser preenchida com uma resposta à seguinte pergunta: Qual o conceito de saúde existencial na GT? Assim, esse trabalho teve como objetivo geral: desenvolver o conceito de saúde existencial com base nos referenciais teóricos da Gestalt-terapia; e como objetivos específicos: pesquisar na literatura da GT sobre o conceito de saúde; explorar nos referenciais teóricos da GT sobre o conceito de existência; verificar se existem pontos em comum nas literaturas sobre existência; desenvolver a partir das pesquisas na literatura uma possível aproximação de um conceito de saúde existencial na GT; estabelecer uma discussão entre saúde existencial e visão de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia.

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica, que considerou referências atualizadas, a fim de analisar uma aproximação do conceito de saúde existencial com base no arcabouço teórico da GT e do existencialismo.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

O modo como as civilizações compreendiam e tratavam as doenças sofreu constantes mudanças ao longo das épocas (Straub, 2014). No século XIV, pré-indústria, o trato com a doença partia de interpretações místicas (Barlow; Durand, 2015; Straub, 2014). Em Hipócrates (460-377 a. C.) e Galeno (129 d.C.), por meio de uma perspectiva científica, a doença passa a ser vista como um “fenômeno natural”, com causas a serem estudadas (Barlow & Durand, 2015; Straub, 2014). A partir da idade média (476-1450), influenciada pela igreja, difunde-se a concepção de doenças como castigos divinos (Straub, 2014). A partir do início do século XVII é introduzido o pensamento dualista corpo-mente, desse modo, os cuidados com a doença se limitam a causas biológicas (Straub, 2014).

Considera-se então que a concepção de saúde e doença se revela como um processo histórico, fortemente enviesado pela perspectiva biomédica, voltada ao cuidado mais biológico. É notório, portanto, que nesses períodos, a saúde estava relacionada ao tratamento em relação à doença. A partir desse cenário, com a intenção de desconstruir essa ideia do conceito de saúde para além da ausência de doenças, como exposto anteriormente, a OMS elabora o conceito de saúde em 1947.

3 INFLUÊNCIAS DAS BASES TEÓRICAS DA PSICOLOGIA NA CONCEPÇÃO DE SAÚDE

Sigmund Freud (1856-1939) contribuiu com o entendimento de saúde ao observar que alguns de seus pacientes exibiam sintomas sem causa biológica possível, e ousou enunciar que esses emergiam de questões inconscientes que de alguma forma atingiam o corpo, o que chamou de transtorno conversivo (Barlow; Durand, 2015; Straub, 2014). Já em 1940, o médico Franz Alexander (1891-1964) anuncia o modelo do conflito nuclear, que compreende uma doença física como efeito de um conflito psicológico (Straub, 2014). Assim começou a se estruturar um movimento de reforma na medicina psicossomática (Straub, 2014).

Na década de 1970, sob influência do movimento behaviorista, pesquisadores como Neal Miller (1909-2002) investigaram a implicação de comportamentos aprendidos na saúde (Barlow; Durand, 2015; Straub, 2014). Esse movimento cativou representantes de diversas áreas das ciências comportamentais e biomédicas, reconhecido por seu caráter interdisciplinar (Straub, 2014).

O médico alemão Karl Jaspers (1883- 1969), no início do século XX, trouxe para a psicopatologia uma abordagem fenomenológica. Nesse sentido, o ser humano passou a ser compreendido como ser biológico e singular, atento a não excluir o psiquismo do campo psicológico e psiquiátrico (Fukuda; Tamelini, 2016; Rodrigues, 2005).

Em 1978, por meio da American Psychology Association – APA –, nasceu a Psicologia da Saúde, que relaciona saúde e doença a múltiplos contextos: modelo biopsicossocial. Embasado na teoria sistêmica, em que um sistema afetado interfere em outros, por estarem interligados, esse modelo aborda o indivíduo em sua integralidade (Straub, 2014).

Diante desse contexto, percebe-se que a partir de Jaspers há o rompimento com a noção de dentro e fora – dualista cartesiana – que por meio do pensamento fenomenológico, traz para a saúde a ideia de pessoa como fenômeno, dotada de intenção, que se constrói na relação. Esse indivíduo relacional recebe da Psicologia da Saúde o aporte biopsicossocial, inserido em múltiplos contextos no mundo, e por isso, sofre e impõe interferência sobre eles.

Apesar da significativa contribuição referente ao entendimento de saúde biopsicossocial, constata-se ainda no conceito de saúde da OMS, lacunas a serem complementadas, como a já mencionada idealização de saúde completa perpassada pela perspectiva dualista. O que pode ser verificado no enunciado da OMS sobre um conceito para a saúde, e outro conceito para saúde mental compreendido como “um estado de bem-estar no qual um indivíduo percebe suas próprias habilidades, pode lidar com os estresses cotidianos, pode trabalhar produtivamente e é capaz de contribuir para sua comunidade” (World Health Organization, 2014; World Health Organization, 2014 *apud* Gaino *et al.*, 2018, p. 110). Esse conceito de saúde mental reforça a percepção de um processo evolutivo histórico, já que esse modelo atende a contemporânea imposição de produção capitalista.

3 ENTENDIMENTO DE “SAÚDE MENTAL” NA CONTEMPORANEIDADE

Por influência do contexto histórico de saúde, na contemporaneidade salientam-se duas vertentes para a compreensão da saúde: uma voltada para o modelo biomédico, ainda muito presente na prática médica e outra para uma perspectiva fenomenológica que se põe atenta à subjetividade do paciente e considera sua própria significação para seu estado de saúde (Alcântara *et al.*, 2022).

Dessas duas correntes, apesar de receber muitas críticas por desconsiderar a integralidade e subjetividade da pessoa, o modelo biomédico ainda se faz predominante, em conformidade com Straub (2014), que retrata resquícios dessas ideias – medicina objetiva – no campo de estudo e prática de saúde atual, inclusive a psicopatologia – área voltada para o estudo dos transtornos psicológicos – (Barlow; Durand, 2015).

Alcântara *et al.* (2022) em sua pesquisa bibliográfica ressaltam a influência de duas vertentes na forma como se concebe saúde mental: psiquiatria e reforma psiquiátrica. Os autores destacam também que o termo saúde mental é genérico, concebido e aplicado sem um debate que possibilite um conceito específico por parte da comunidade científica.

Devido à forte tradição cartesiana que ainda permeia o campo da saúde, acrescido à lacuna de um conceito de saúde mental específico da comunidade científica, esse acaba por ser fortemente influenciado pelo modelo biomédico, o que resulta em se tratar de saúde mental exclusivamente voltada aos aspectos biológicos das causas e possibilidade de cura, em desconsideração à concepção do sujeito, sobre a maneira como interpreta sua própria saúde em sua integralidade. Uma sugestão para uma nova visão de saúde pode ser encontrada na Gestalt-terapia.

4 BASES FILOSÓFICAS QUE INFLUENCIAM A COMPREENSÃO DE SAÚDE EM GT

Apesar da GT não lidar com a cura, ela não nega o sofrimento, que é concebido como encurtamento do mundo e de possibilidades. Por meio da metodologia fenomenológica, a GT indica a consciência como "atitude mental", e estabelece assim um contraponto ao naturalismo, que entende a consciência como um ente – substância –, e em consequência o homem é tido como "coisa" (D’Acri *et al.*, 2016; Rehfeld, 2013). “A fenomenologia, ao mesmo tempo em que é um método, é uma maneira de ser, uma maneira de se obter a realidade, um espaço de abertura onde o ser se dá.” (Ribeiro, 2011, p. 86)

Ao admitir o homem em seu modo de ser, como expressão do fenômeno, livre de preconceções, a GT possibilita a esse uma ampliação de consciência, por meio da *awareness* – atitude de consciência de si (Perls, 1969/1977, p. 34), com maturidade para admitir novos significados e significações próprias (D’Acri, *et al.*, 2016; Rehfeld, 2013), inclusive seu atual estado de saúde, o que representa seus sintomas, ou seja, para além dos sinais (D’Acri *et al.*, 2016).

4.1. A INFLUÊNCIA DO EXISTENCIALISMO

O existencialismo, em detrimento da concepção universal ou segmentada de homem, o compreende como ser singular, indeterminado, em construção, portanto, livre para fazer escolhas e de se responsabilizar por elas (Cardoso, 2013; D’Acri *et al.*, 2016).

Para além das escolhas, o homem se constitui através de sua inserção no mundo, em que o sentido se altera constantemente, o que faz dele um ser indeterminado (Cardoso, 2013), “Existimos em intrínseca correlação com o mundo, com o dado originário e pré-reflexivo. Deste existir, criamo-nos, com o que somos, e com o que podemos vir a ser.” (D’Acri *et al.*, 2016, p. 105).

Uma vez que a liberdade do vir a ser é promotora de angústia, visto que a única garantia em sua existência é o reconhecimento de ser para a morte (Cardoso, 2013), a GT considera que a pessoa deve ser entendida a partir do “. . . modo como . . . experiencia a si mesma no mundo, seja em seus momentos de existência plena ou de crise.” (Cardoso, 2013, p. 74) no aqui-agora, por meio da *awareness* para efetuar seu projeto existencial (Cardoso, 2013).

4.2. A INFLUÊNCIA DA PSICOLOGIA HUMANISTA

A ética humanista dentro da GT conduz a ir além do exercício fundamental de entender o ser humano e suas fontes (Mendonça, 2013), por meio do respeito pela dignidade humana, sem explorá-la, para que esse se torne aquilo que é, em correlação com o mundo (Mendonça, 2013). A GT está ligada ao humanismo pela forma holística de visualizar o homem, (Mendonça, 2013; Ribeiro, 2011). “Ele é uma gestalt, uma totalidade articulada, organizada e indivisível, de tal forma que alma-corpo formam uma unidade funcional” (Ribeiro, 2011, p. 80).

Essa perspectiva atenta às características que dotam a pessoa de potencialidades para além da atual existência, com possibilidade de crescer e atualizar-se, de modo progressivo, em direção à sua integralidade (Mendonça, 2013). Assim, o ser humano, em sua totalidade, tem autonomia, seja em momentos de plenitude ou de doenças, para conquistar uma forma própria de lidar com seus infortúnios, por meio de mecanismos de autorregulação orgânica, em constante tentativa de ajustamentos criativos (Mendonça, 2013; Ribeiro, 2011), que não necessita de amparo estabelecido por agentes externos, conforme afirma a teoria orgânica (Mendonça, 2013).

4.2. DA SAÚDE À EXISTÊNCIA EM GT

Sobre o tema saúde em relação à psicopatologia, a AG lida com transtornos psicológicos com prioridade para seus aspectos preservados (Costa; Costa, 2017; Lacerda *et al.*, 2019), pois considera a psicopatologia por um viés de relação, ou seja, inseparável do mundo, o ser humano se organiza nos aspectos sociais e particular (Schillings, 2014). Desse modo, a AG contraria a psicologia tradicional ao usar a fenomenologia como instrumento de compreensão do adoecimento, sempre inserido em um contexto (Costa; Costa, 2017) “. . . composto por fatores biofisiológicos, psicológicos, espirituais, sociais, culturais e econômicos” (Lacerda *et al.*, 2019, p. 41).

Doravante, quando o homem estremece na alienação e o mundo o angustia, ele levanta o olhar (para a direita ou para a esquerda, pouco importa) e avista uma imagem. Então, ele vê que o Eu está contido no mundo e que, na verdade não há Eu, e por isso, o mundo não pode prejudicá-lo, e, então ele se tranqüiliza; ou, então, ele vê que o mundo está contido no Eu, e que, afinal, não há mundo, e, por isso, ele também não pode prejudicar o Eu, o que tranqüiliza também. (Buber, 1974/2001, p. 96-97).

A Teoria de Campo, uma das teorias que embasam a GT, aborda que as pessoas nunca são totalmente isoladas, mas estão em conexão com tudo, nesse sentido, o sujeito é visto sempre de forma holística, em que combina variáveis psicológicas e físicas, em um contexto singular (Joyce & Sills, 2016). Entende-se que, o parâmetro para saudável ou não saudável se estabelece na relação de campo.

Segundo o Dicionário de Gestalt-terapia: “Gestaltês” (D’Acri *et al.*, 2016, p. 78): “Saúde” e ‘doença’, ou ‘funcionamento saudável’ e ‘não saudável’, são pensados dialeticamente, uma vez que um mesmo comportamento pode ser saudável ou não, dependendo de ‘a serviço do que’ ele está”. Desprovida de expectativas a respeito de comportamentos da normalidade e do sofrer (Costa; Costa, 2017), a GT se volta para o homem acometido pelo adoecimento em sua integralidade e não para sua doença (Lacerda *et al.*, 2019).

Perls define saúde como um estado de equilíbrio de tudo que somos (Perls 1969/1997). “. . . é mais uma questão de ser em vez de ter. Este é o motivo pelo qual chamamos nossa abordagem de existencial . . .” (Perls 1969/1977, p. 20). Pelo viés do existencialismo, a AG compreende o ser-no-mundo como “. . . concreto, responsável, consciente e compreendido, com base em si próprio, seu mundo, visto como rede articulada de significações e sentido . . .” (D’Acri *et al.*, 2016,

p. 212-213).

A realidade da existência . . . não se desgastam com o tempo, permanecendo sempre iguais, independentemente de quem quer que venha a apreendê-las. Sendo a realidade fundamental, então para o existencialismo é a existência que precede a essência, e não o contrário, como quer a metafísica tradicional. (D'Acri *et al.*, 2016, p. 103).

A existência refere-se à pessoa em relação com o mundo, que se apresenta através das expressões particulares e com sentidos únicos, e ao relacionar-se com outros, há uma interação entre existências. Ocorre no ser humano, não é estática. Difere-se de viver, visto que existir é inerente ao ser humano através das suas significações e manifestações em sua vivência. Existência também diz respeito ao relacional, com os demais. Concebe-se de modo constante, pois a pessoa sempre tem escolhas sobre seu ser, sobre sua caminhada (Ribeiro, 2011).

5 MÉTODO

Foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, na modalidade exploratória, que teve por objetivo desenvolver o conceito de saúde existencial com base nos referenciais teóricos da Gestalt-terapia. Posto que, a pesquisa exploratória, conforme Gil (2002) visa tornar o assunto familiar, para, desse modo, deixá-lo mais evidente, bem como refinar ideias e o descobrimento de intuições. No que diz respeito aos procedimentos técnicos, foi feita uma pesquisa bibliográfica, elaborada com base em obras científicas, tais como livros e artigos (Gil, 2002). A pesquisa bibliográfica tem como benefício a possibilidade de ampliar os fenômenos investigados (Gil, 2002).

A pesquisa foi realizada por meio dos bancos de dados Scientific Electronic Library Online – Scielo –, Periódicos Eletrônicos de Psicologia – Pepsic –, Comunidade Acadêmica Federada – CaFe – e Google Acadêmico. Sobre os instrumentos de coleta de dados, foram utilizados artigos científicos acessíveis no idioma português em meio virtual, livros físicos e online. Foram pesquisados os descritores: saúde, existência, existencialismo, saúde existencial, saúde Gestalt-terapia.

Após essa etapa, como critério de seleção dos referenciais teóricos, foram feitas leituras dos títulos e resumos de artigos científicos e dos títulos e sumários dos livros. Optou-se por literaturas publicadas, preferencialmente, nos últimos cinco anos, com exceção de obras clássicas e de

relevância para o Existencialismo e a Gestalt-terapia, descartados aqueles que não atenderam aos objetivos da pesquisa, bem como aqueles que foram repetidos nas bases de dados: Scielo, Pepsic, CaFe e Google Acadêmico.

Com relação as técnicas de análise de dados, foi realizada uma revisão sistemática da literatura e análise de conteúdo proposta por Bardin (1977/2011). A revisão sistemática incluiu: questão delimitada de forma nítida; bases de dados para procedimentos de buscas de literaturas; critérios de inclusão e exclusão dos materiais; planejamento de busca para filtrar aspectos relevantes; uma seleção de textos pertinentes ao problema de pesquisa – análise de forma cautelosa quanto à qualidade dos referenciais, desenvolvida para caracterizar e avaliar os estudos –, seguido da integração dos dados encontrados de forma sistematizada (Galvão; Ricarte, 2019).

Após a revisão sistemática de literatura, foi feita a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977/2011), que consistiu em três fases: pré-análise, exploração de material e tratamento dos resultados – inferência e a interpretação –. Na pré-análise há uma organização em que é estabelecido o esquema de trabalho que envolve procedimentos especificados, nessa etapa é feita a leitura flutuante a qual corresponde ao momento inicial de contato com os documentos a serem escolhidos por análise, formulação de hipóteses, objetivos e indicadores que irão nortear a interpretação e preparação dos instrumentos (Bardin, 1977/2011).

Na fase da exploração do material, primeiramente, são selecionadas unidades de codificação em que apresentam os seguintes procedimentos: recorte, enumeração, classificação e agregação, após isso é feita a classificação em blocos que manifestem categorias específicas (Bardin, 1977/2011). No tratamento dos resultados – inferência e interpretação – nessa fase o pesquisador buscará dar significado e validade às informações obtidas nos materiais, a essência dos conteúdos (Bardin, 1977/2011).

Através das técnicas de análise de dados realizadas, foram escolhidas literaturas sistematizadas em tabelas onde constam as obras selecionadas e as principais citações acerca do conceito de existência para alguns teóricos existencialistas e do conceito de saúde em GT. O critério de escolha dos autores e dos trechos citados foi a partir da relevância desses à GT que se deu através da utilização dos descritores mencionados anteriormente.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados em análise da pesquisa resultaram em duas tabelas, a tabela 1 apresenta as fontes que retratam o conceito de existência para os teóricos existencialistas, dentre elas: três artigos científicos (Kahlmeyer-Mertens, 2021; Protasio, 2016; Teixeira, 2018), e cinco livros (Buber, 1974/2001; Frankl, 1977/2022, May, 1960/1986; Nietzsche, 2015; Sartre, 2014). Na tabela 2, acerca do conceito de saúde em GT, constata-se quatro artigos científicos (Almeida, 2020; Berri, 2020; Doca & Bilibio, 2018; Lopes et al, 2021) e quatro livros (Alvim, 2014; D’Acri *et al.*, 2016; Perls *et al.*, 1997; Ribeiro, 2021; Schillings, 2014).

Quadro 1 – Categoria: Existência

Autor	Obras	Citações
Existência em Soren Kierkegaard (1831-1885)	Obra: Um estudo sobre a consciência em Kierkegaard (Protasio, 2016)	“... possibilidade de ganhar consciência de si mesmo, de podermos conquistar ou transformarmo-nos neste si mesmo estando em constante movimento de vir a ser” (p. 73)
Existência em Friedrich Nietzsche (1844-1900)	Obra: Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém (Nietzsche, 2015)	"O homem é algo que deve ser superado." (local 258) "Por detrás de teus pensamentos e sentimentos, meu irmão, encontra-se um poderoso regente, um sábio desconhecido – seu nome é si-próprio – Ele vive em teu corpo, teu corpo é ele." (local 644)
Existência em Martin Buber (1878-1965)	Obra: Eu e Tu (Buber, 1974/2001)	"... Eu-Tu só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A união e a fusão em um ser total não pode ser realizada por mim e nem pode ser efetivada sem mim. O Eu se realiza na relação com o Tu" (p. 57)
Existência em Martin Heidegger (1889-1976)	Obra: Do cuidado em sua Tríplice Estruturação e sua Conexão com a Decisão por um Sentido Próprio à Existência (Kahlmeyer-Mertens, 2021)	“Como o ser-no-mundo lança-se incessantemente ao fático . . . encontra, a cada instante, a possibilidade de um projetar-se” (p. 82) “... o ser-aí pode assumir-se propriamente em liberdade.” (p. 89)
Existência em Jean-Paul Sartre (1905-1980)	Obra: O existencialismo é um humanismo (Sartre, 2014)	"O homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se

		define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada. Ele apenas será alguma coisa posteriormente, e será aquilo que ele se tornar." (p. 25)
Existência em Simone de Beauvoir (1908-1986)	Obra: Querer-se livre e querer-se moral é uma só e mesma decisão: Simone de Beauvoir e a ética da ambigüidade (Teixeira, 2018)	“... existir é cultivar as relações com os outros com os quais estamos enredados na situação...” (p. 405) “... cada um assuma autêntica, ética e prazerosamente sua existência por sua própria conta e através dos outros...” (p. 411)
Existência em Viktor E. Frankl (1905-1997)	Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração (Frankl, 1977/2022)	"O ser humano não é uma coisa entre outras; coisas se determinam mutuamente, mas o ser humano, em última análise, se determina a si mesmo. Aquilo que ele se torna – dentro dos limites dos seus dons e do meio ambiente – é ele que faz de si mesmo." (p. 155)
Existência em Rollo May (1909-1994)	Obra: Psicologia Existencial (May, 1960/1986)	“Existencialismo envolve a centralização na pessoa <i>existente</i> e enfatiza o ser humano como emergente, em evolução. A palavra ‘existência’ provém da raiz latina <i>existere</i> que significa literalmente ‘surgir, salientar-se’”. (pp. 13-14)

Fonte: Elaborada pelas autoras.

Quadro 2 – Categoria: Saúde em Gestalt-terapia

Obras	Citações
Obra: A Esperança como Ajustamento Criativo: Reflexões dos Processos de Saúde, Doença e Morte em Gestalt Terapia (Berri, 2020)	“A saúde, nesse sentido, aparece como aquilo de melhor que podemos fazer diante dessa realidade, às vezes doentia, que se impõe.” (p. 353) “... direcionando o olhar para aquilo que há de saudável e funcional nos seus modos de ver e viver a vida.” (p. 353)
Obra: O ciclo do contato (Ribeiro, 2021)	"Saúde é contato em ação. Qualquer interrupção disfuncional do contato implica uma perda na saúde..."(p. 24)

	"Não existe doença em si; privação de algo, ela se coloca entre a falta e ao excesso, é privação do bem-estar." (p. 24)
Obra: Dicionário de Gestalt-terapia: gestaltês (D'Acri <i>et al.</i> , 2016)	"...saúde e doença em Gestalt-terapia são concebidos ... como 'processos' que favorecem ou dificultam o desenvolvimento da pessoa" (p. 78)
Obra: Gestalt-terapia (Perls <i>et al.</i> , 1997)	"A descrição da saúde e doença psicológica é . . . se um homem se identifica com seu self em formação, não inibe seu próprio excitamento criativo e sua busca da solução vindoura exercendo sua capacidade superior, e fará o melhor que puder nas circunstâncias difíceis do mundo. (p. 49)
Obra: Gestalt-terapia: conceitos fundamentais (Alvim, 2014; Schillings, 2014)	". . . existência humana saudável: a manutenção do livre fluxo de <i>awareness</i> , possibilitando uma contínua configuração de formas." (p. 23) "... funcionamento saudável ... integração da pessoa e do ambiente ocorrendo por meio de ajustamentos criativos na formação e destruição de Gestalten . . . " (p. 194)
Obra: Cuidados paliativos: Possíveis Contribuições da Gestalt-terapia (Lopes <i>et al.</i> , 2021)	". . . o olhar é voltado para as potencialidades do indivíduo no mundo . . . compreender em que contexto esse sofrimento se apresenta." (p. 108)
Obra: A (Des)Conexão Criança e Natureza sob o Olhar da Gestalt-Terapia e Ecopsicologia (Doca & Bilibio, 2018)	"Se, por um lado, a concepção de saúde para a Gestalt-terapia envolve a fluidez do contato, de maneira oposta, o adoecimento advém de limitação e/ou interrupção deste processo . . . (p. 383)
Obra: Reflexões sobre a Atuação da (O) Psicóloga (O) No Nasf-Ab no Contexto da Saúde Mental e Suas Interlocações com a Gestalt-Terapia (Almeida, 2020)	"A partir dessa concepção holística do homem, enquanto totalidade, que a cisão corpo/mente inexistente na Gestalt-terapia." (p. 173)

Fonte: Elaborada pelas autoras.

A partir dos quadros 1 e 2, foram constatadas quatro subcategorias: 1) Existência na relação; 2) Existência é a construção de si mesmo: um projeto de ser na indeterminação 3) Existência é angústia, liberdade e autenticidade; 4) Relação entre saúde em Gestalt-terapia e existencialismo: uma aproximação ao conceito de saúde existencial. A serem discutidas a seguir:

6.1. EXISTÊNCIA NA RELAÇÃO

A partir das leituras dos referenciais, pode-se destacar a existência na relação em: Martin Buber (Buber, 1974/2001), Martin Heidegger (Kahlmeyer-Mertens, 2021), Jean-Paul Sartre (Sartre, 2014), Simone de Beauvoir (Teixeira, 2018), conforme observado na tabela 1.

Para Martin Buber (Buber, 1974/2001), existem dois modos de se relacionar com o mundo, o modo Eu-Isso e Eu-Tu. O Eu-Isso se expressa na necessidade de sobrevivência ao cumprir papéis

sociais, ao ver o outro como meio utilitário/objetificado, em que estabelece encontros artificiais, com pouco contato, pouca revelação. Na relação Eu-Tu, o outro é compreendido como ser na sua totalidade, não como um meio, mas um fim por si só.

Assim como Buber, Heidegger entende a existência humana em relação, com possibilidade de acontecer de duas formas:

Ele não apenas é um ser-no-mundo, mas também um ser-com (Mitsein). Ele é no mundo-com-os-outros [...] respeita-lhes as diferenças nesse rico e complexo horizonte de alteridade. No entanto, não é incomum a ocorrência do inverso, ou seja, que o estar-aí-com-os-outros se enfeixe em relações heterônomas, imprimindo o esquecimento de si em virtude de apresentar-se sob a tutela de outrem (Costa, 2018, p. 482).

O existencialista Jean-Paul Sartre concebe a ideia de existência humana como uma mediação dialética das relações compartilhadas com o outro e com o mundo em sua concretude: ". . . resultando do processo de interiorização da realidade social e da exteriorização da apropriação que faz dessa realidade." (Sousa *et al.*, 2020, p. 341). Essa perspectiva relacional do existir está em conformidade com Simone de Beauvoir, que concebe a existência como ambígua para cada indivíduo, num movimento entre vivência individual e vivência social. Para a autora “. . . existir é cultivar as relações com os outros com os quais estamos enredados na situação, cultivo pois mantenho "fértil" esse solo comum ao querer positivamente a paixão que me lança no movimento de desvelar o ser.” (Teixeira, 2018, p. 405).

Percebe-se que para os existencialistas, a existência se realiza nas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Através da relação com o meio, o ser concebe o outro, expressa-se, afeta e é afetado, se constitui.

6.2. EXISTÊNCIA É A CONSTRUÇÃO DE SI MESMO: UM PROJETO DE SER NA INDETERMINAÇÃO

A ideia do projeto de construção de si mesmo na indeterminação é evidente nos existencialistas, dentre eles pode-se observar em: Soren Kierkegaard (Protasio, 2016), Friedrich Nietzsche (Nietzsche, 2015), Martin Heidegger (Kahlmeyer-Mertens, 2021), Jean-Paul Sartre (Sartre, 2014), Viktor E. Frankl (Frankl, 1977/2022), Rollo May (May, 1960/1986).

Conforme Soren Kierkegaard, no movimento de se conscientizar do que pode se tornar –

possibilidade – e o que é – realidade –, o ser humano realiza seu projeto de ser (Protasio, 2016). "Podemos dizer que o homem, inicialmente inconsciente de sua situação de existente, de se constituir como um eu, pode vir a conhecer e cuidar de si mesmo no seu espaço mais próprio, qual seja, o interior da própria existência." (Protasio, 2016, p. 74).

O existencialista Friedrich Nietzsche, aborda em sua teoria o ideal de homem: Super-homem, nesse sentido o ser humano se reconhece frágil, na busca constante por superação de si mesmo e expansão (Nietzsche, 2015): "O que é grandioso no homem é que ele seja um poente, e não um fim [...]" (Nietzsche, 2015, local 302).

A ideia de construção de si mesmo é enfatizada em Martin Heidegger, "estar-adiante-de-si-mesmo", ou seja, realizar o projeto de cuidado de si (Costa, 2018): "Este ter de ser diz, pois, unicamente respeito a si-próprio, de tal modo que a ninguém mais cabe a tarefa de realizar sua situação existencial singular, por isso falar em ser-meu [...]" (Kahlmeyer-Mertens, 2021, p. 80). Ainda segundo Heidegger o ser existe em sua indeterminação – inacabado, não é dado/determinado no mundo – (Costa, 2018).

Sartre também evidencia sobre o ser humano e a construção do seu projeto de ser: ". . . o homem existe antes de tudo, ou seja, que o homem é, antes de tudo, aquilo que projeta vir a ser, e aquilo que tem consciência de projetar vir a ser." (Sartre, 2014, p. 26). Viktor E. Frankl entende a ideia de projeto de ser pelo viés de encontrar sentido na vida, que: ". . . sempre se modifica, mas jamais deixa de existir . . . 1. criando um trabalho praticando um ato; 2. experimentando algo ou encontrando alguém; 3. pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável" (Frankl, 1977/2022, p. 135).

Rollo May traz em sua obra Psicologia Existencial (May, 1960/1986) que a existência emerge em um constante processo evolutivo, e expõe a crítica do existencialismo à perspectiva essencialista, em que compreende que a pessoa transcende as determinações e existe, experiencia as situações de maneira singular no presente.

Nota-se que, para os existencialistas o ser humano existente indeterminado está em contínuo processo de construir-se, transformar-se e superar-se em seu projeto de ser. Cabe ao ser projetar e realizar a si mesmo.

6.3. EXISTÊNCIA É ANGÚSTIA, LIBERDADE E AUTENTICIDADE

A existência como angústia, liberdade e autenticidade pode ser vista no existencialismo: Soren Kierkegaard (Protasio, 2016), Martin Heidegger (Kahlmeyer-Mertens, 2021), Jean-Paul Sartre (Sartre, 2014), Simone de Beauvoir (Teixeira, 2018), Rollo May (May, 1960/1986).

Feijoo et al. (2015) expõem que Kierkegaard aborda a existência como algo que precisa ser conquistado por meio da angústia, recorda ao existente a liberdade de “poder” e “não poder-ser” como abertura para o novo. A angústia também é evidente em Martin Heidegger: "A angústia, libertadora do ser-aí do poder prescritivo dos sentidos do mundo, mostra o quanto este é liberdade para poder-ser possível." (Kahlmeyer-Mertens, 2021, p. 91), ao se angustiar o ser humano vê-se defronte as possibilidades. (Kahlmeyer-Mertens, 2021).

Para Sartre (2014) o homem escolhe por si mesmo e pela humanidade, essa liberdade e responsabilidade diante das consequências de suas escolhas o leva à angústia frente ao desamparo de não ter garantias e ao desespero por não ter possibilidade de controle, a angústia possibilita mas não garante, assim pode criar ilusão, desespero ou potencialidade. A liberdade também se faz presente no pensamento de Rollo May, como potencialidades inerentes à existência (May, 1960/1986). “Deve-se adotar esta margem de liberdade, se tivermos de lidar com uma pessoa existente. Nesta margem reside a responsabilidade do indivíduo para consigo próprio [...]” (May, 1960/1986, p. 23).

Para Simone de Beauvoir, a existência autêntica está atrelada à liberdade e à ética, como um “. . . movimento livre subjetivo e seu simultâneo ultrapassamento no existir social” (Teixeira, 2018, p. 411). A existência autêntica também está presente em Heidegger que aborda a necessidade de se reconhecer que não existe "verdade objetiva e imutável" (Costa, 2018).

Para viver autenticamente, o ser humano precisa fazer escolhas. Ao se deparar com essa liberdade o ser humano se angustia diante da responsabilidade do *Devir*.

6.4. RELAÇÃO ENTRE SAÚDE EM GESTALT-TERAPIA E EXISTENCIALISMO: UMA APROXIMAÇÃO AO CONCEITO DE SAÚDE EXISTENCIAL

A saúde em Gestalt-terapia é entendida de forma ampla, considera o ser humano por uma perspectiva holística, vai de encontro as concepções que buscam dicotomizar a pessoa (Almeida, 2020; Alvim, 2014; Lopes *et al.*, 2021). “O sujeito se constrói de maneira indivisível e integrada, sem linhas de separação.” (Lopes *et al.*, 2021, p. 107).

Alvim (2014, p. 23) apresenta "existência humana saudável" em GT, como: "[...] manutenção do livre fluxo de *awareness*, possibilitando uma contínua configuração de formas.". *Awareness* são possibilidades na fluidez de tomar consciência de si por meio do corpo, com resgate à percepção de sensações que expressem “. . . o sentido de eu posso, de criação, de transformação.” (Alvim, 2014, p. 29).

Esse corpo, dentro de uma visão holística em GT é pensado no organismo que é mais que um corpo físico, é um corpo em relação com o meio: “Organismo é corpo no mundo, feito de terra, de carne, de ossos, corpo em relação, em negociação com a realidade com a qual ele se confronta.” (Ribeiro, 2021, p. 24).

A partir dessa ideia, a GT retrata a autorregulação organísmica: “. . . a teoria da natureza humana é a ordem de auto-regulação ‘saudável’.” (Perls *et al.*, 1997), que acontece para suprir duas formas de necessidades básicas: sobreviver e crescer, em que a sobrevivência é prevalente e conduz a percepção para identificar a necessidade prioritária (D’Acri *et al.*, 2016). A autorregulação organísmica possibilita pensar o organismo em constante “tensão” entre saúde e adoecimento (D’Acri *et al.*, 2016).

Como meio de autorregulação o organismo recorre a ajustamentos criativos. Ajustamento ocorre na vivência e a criatividade diz respeito à uma reação inovadora dentro do possível diante dos contextos (Berri, 2020; Cardella, 2014; Doca; Bilibio, 2018), ou seja, a pessoa se autorregula criativamente em busca do que pode ser sua melhor versão no aqui-agora. “Todo contato é ajustamento criativo do organismo e ambiente.” (Perls *et al.*, 1997, p. 45).

O campo emerge da relação organismo-meio através do contato. O contato em GT é: “. . . um jeito de ser e um jeito de se expressar. Ele me faz visível aos outros e me remete a camada mais profunda de mim mesmo . . .” (Ribeiro, 2021, p. 88). Ainda, para a GT, saúde e doença são polos de um dimensional fluído em interação com o campo à procura de um equilíbrio (Alvim, 2014): “Saúde e doença seriam, portanto, fruto de combinações saudáveis ou não saudáveis entre campos a partir de como nossos diversos sistemas interagem”. (Ribeiro, 2021, p. 91).

Ademais, a GT tem como objetivo: “[...] ampliar o potencial humano através do processo de integração.” (Perls, 1977, p. 19), ou seja, uma de suas ideias base, é considerar as potencialidades do indivíduo e o resgate ao funcionamento saudável dentro do dimensional saúde/doença (Berri, 2020; Lopes *et al.*, 2021). Nesse sentido, a pessoa tem condições e recursos para se autorregular em meio aos seus processos criativos.

Assim, ao estabelecer uma relação entre os conteúdos expostos, pretende-se chegar a uma aproximação do conceito de saúde existencial em GT. Em que pode ser encontrada nas fundamentações em GT de que saúde é uma escolha diante daquilo que é possível, dentro do que é circunstancial na vida (Berri, 2020; D'Acri *et al.*, 2016), ideia essa que vai ao encontro do entendimento existencialista a respeito da existência como construção de si mesmo: um projeto de ser na indeterminação; e da existência enquanto angústia, liberdade e autenticidade. Bem como, associa-se existência na relação no que se refere ao contato, autorregulação orgânica, ajustamento criativo, campo, concepção holística (Almeida, 2020; Doca & Bilibio, 2021; Lopes *et al.*, 2021; Perls *et al.* 1997; Ribeiro, 2021, Schillings, 2014).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme as discussões apresentadas no presente trabalho, entende-se que é difícil pensar a saúde sobre a perspectiva humanista fenomenológico-existencial, oferecida pela GT, pois é um (des)construir do que já foi histórico e culturalmente posto, contudo, apesar da dificuldade, é possível e preciso.

A concepção de saúde existencial é possível, pois, faz parte da existência humana ter liberdade para fazer suas escolhas da melhor forma em suas possibilidades, assumir as responsabilidades que delas advém, encontrar o próprio caminho com autonomia, em busca de autorregulação orgânica e com criatividade; é preciso, visto que, é um direito básico do ser humano ter resgatada sua dignidade frente aos seus processos saúde/doença, ao considerar como a sociedade atualmente põe foco na doença em detrimento à pessoa que tenta se autorregular no dimensional saúde/doença. Na pessoa existe mais que um corpo físico, mas um organismo em sua inteireza que contém: saúde, valores, desejo, beleza apesar do adoecimento, pois a pessoa é única em sua existência.

Após o desenvolvimento do presente estudo, considera-se saúde existencial um tema contemporâneo e relevante, com potencial para ser mais explorado no campo teórico e clínico através de estudos, debates e práticas profissionais, com alcance para além da área da saúde.

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, V. P.; VIEIRA, C. A. L.; ALVES, S. V. Perspectivas acerca do conceito de saúde mental: análise das produções científicas brasileiras. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 27, n. 1, p. 351-361, 2022. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/csc/a/Q3q7tgFtypyLXf9c9tRHMNr/abstract/?lang=pt>.
- ALMEIDA, J. S. Reflexões sobre a atuação da (o) psicóloga (o) no Nasf-Ab no contexto da saúde mental e suas interlocuções com a Gestalt-terapia. **Revista IGT na Rede**, v. 17, n. 33, p. 164-183, 2020. Disponível em: <http://igt.psc.br/ojs3/index.php/IGTnaRede/article/view/568>.
- ALVIM, M. B. Awareness: experiência e saber da experiência. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (orgs.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 13-30.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BARLOW, D. H.; DURAND, V. M. **Psicopatologia: Uma abordagem integrada**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2015.
- BERRI, B. A esperança como ajustamento criativo: reflexões dos processos de saúde, doença e morte em Gestalt terapia. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 26, n. 3, p. 351-360, 2020. Disponível em:
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7863712>.
- BUBER, M. **Eu e Tu**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CARDOSO, C. L. A face existencial da Gestalt-terapia. In: FRAZÃO, M. L.; FUKUMITSU, K. O. (orgs.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 59-75
- CFP - Conselho Federal de Psicologia. **CFP participa do VI Encontro de Fenomenologia, psicologia Fenomenológica e Filosofias da Existência**. 5 abr. 2016. Disponível em:
<https://site.cfp.org.br/cfp-participa-do-vi-encontro-de-fenomenologia-psicologia-fenomenologica-e-filosofias-da-existencia%E2%80%8B/>.
- CORDELLA, B. H. P. Ajustamento criativo e hierarquia de valores ou necessidades. In: Frazão, L. M.; Fukumitsu, K. O. (orgs.). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 104-130.
- COSTA, L. C. C.; COSTA, I. I. O ajustamento do tipo psicótico. In: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (orgs.). **Quadros clínicos disfuncionais e Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2017. p. 13-44.
- COSTA, G. G. Tragicidade e existência em Martin Heidegger. **Kriterion: Revista de Filosofia**, v. 59, n. 140, p. 475-493, 2018. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/kr/a/rkSvYXDYNYt9JxPjTCnxrpg/?lang=pt#>.

D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. **Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2016.

DOCA, F. N. P.; BILIBIO, M. A. A (des)conexão criança e natureza sob o olhar da Gestalt-terapia e Ecopsicologia. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 24, n. 3, p. 379-387, 2018. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000300010&lng=pt&nrm=iso.

FEIJOO, A. M. L. C.; PROTASIO, M. M.; GILL, D.; VERÍSSIMO, L. J. Kierkegaard, a escola da angústia e a psicoterapia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 35, n. 2, p. 572-583, 2015. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/pcp/a/xYBLQtG6kBBCfNFRS7bnwqQ/abstract/?lang=pt>.

FORGHIERI, Y. C. Saúde e adoecimento existencial: o paradoxo do equilíbrio psicológico. **Temas em Psicologia**, v. 4, n. 1, p. 97-110, 1996. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1996000100009.

FORGHIERI, Y. C. Saúde Existencial: vivência a ser periodicamente reconquistada. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, v. 24, n. 1, p. 46-57, 2004. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=94624114>.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 8. ed. São Paulo: Editora Planeta, 2022.

FRAZÃO, L. M. Um pouco da história... um pouco dos bastidores. *In*: FRAZÃO, M. L.; FUKUMITSU, K. O (orgs.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 11-23.

FUKUDA, L. E.; TAMELINI, M. G. A compreensão psicológica jasperiana revisitada sob a perspectiva da psicopatologia fenomenológica. **Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea**, v. 5, n. 2, p. 160-184. Disponível em:
<https://revistapfc.com.br/rpfc/article/view/995>.

FUKUMITSU, K. O. **Seja bem-vindo ao meu canal: lugar de acolhimento e de saúde existencial**. Karina Okajima Fukumitsu, 2020. 1 vídeo (6 min). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=6Mk6fFkngUY>.

GAINO, L. V.; SOUZA, J.; CIRINEU, C. T.; TULIMOSKY, T. D. O conceito de saúde mental para profissionais de saúde: um estudo transversal e qualificativo. SMAD. **Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas**, v. 14, n. 2, p. 108-116. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762018000200007.

GALVÃO, M. C. B; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação. **LOGEION: Filosofia da informação**, v. 6, n. 1, p. 57-73. Disponível



Revista Fenexis: Estudos Fenomenológico-Existenciais

em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835>. Acesso em: 7 jun. 2022.

Gil, C. A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. Barueri: Editora Atlas S.A., 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE PLENITUDE HUMANA. **Viva em Plenitude Série Saúde Existencial - Episódio 10 - Saúde Existencial**. Instituto Brasileiro de Plenitude Humana, 2010. 1 vídeo (6 min). YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VTfDZrC8p0E>.

JOYCE, P.; SILLS, C. **Técnicas em Gestalt: Aconselhamento e psicoterapia**. Petrópolis: Vozes, 2016.

KAHLMAYER-MERTENS, R. S. Do cuidado em sua tríplice estruturação e sua conexão com a decisão por um sentido próprio à existência. **Sofia**, v. 10, n. 1, p. 74-95. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/sofia/article/view/35613>.

LACERDA, M. C.; CARVALHO, L. C.; RIBEIRO, J. P. Gestalt-terapia: um método de trabalho para o processo saúde-doença em oncologia. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 25, n. 1, p. 41-49. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-68672019000100005&lng=pt&nrm=iso.

LOPES, F. G.; LIMA, M. J. V.; MELO, A. K. Cuidados paliativos: possíveis contribuições da Gestalt-terapia. **Revista do Nufen: phenomenology and interdisciplinarity**, v. 13, n. 3, p. 105-115. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/nufen/article/view/22288>.

MASCARO, A. L. GADAMER: hermenêutica existencial e saúde. **Revista de Direito**, v. 11, n. 2, p. 68-78. Disponível em: <https://doi.org/10.32361/201911029614>.

MAY, R. **Psicologia existencial**. 4. ed. São Paulo: Globo, 1986.

MENDONÇA, M. M. A psicologia humanista e a abordagem gestáltica. In: Frazão, M. L.; Fukumitsu, K. O (orgs). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 76-98.

MOTTA, H. L.; ASSIS, G. A. P.; SATELIS, L. R. A gestalt-terapia como clínica do encontro: compreendendo a relação dialógica. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. 26, n. spe, p. 382-392. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.18065/2020v26ne.3>.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução: Gabriel Valladao Silva. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015.

PAULA, A.; JANTARA, R.; ABREU, D.; MELLO, M. Reflexões acerca da conceituação de saúde e construção de um conceito de saúde: implicações para os profissionais da saúde. **Revista Sustinere**, v. 9, n. 2, p. 430-443. doi: <https://doi.org/10.12957/sustinere.2021.54440>.

PERLS, F. S. **Gestalt-terapia explicada**. Tradução: George Schlesinger. São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, F. S. Gestalt-terapia e potencialidades humanas. *In*: STEVENS, J. O. (org). **Isto é gestalt**. Summus, 1977. p. 19-28

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. Tradução: Fernando Rosa Ribeiro. 3. ed. Summus, 1997.

PROTASIO, M. Um estudo sobre a consciência em Kierkegaard. **Ítaca**, v. 0, n. 30, p. 59-76. Disponível em:

https://scholar.google.com/scholar?hl=en&as_sdt=0%2C5&q=Um+estudo+sobre+a+consci%C3%Aancia+em+Kierkegaard&btnG=.

REHFELD, A. Fenomenologia e Gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, M. L.; Fukumitsu, K. O (orgs.). **Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influências filosóficas**. São Paulo: Summus, 2013. p. 24-33.

RIBEIRO, J. P. **Conceito de mundo e de pessoa em Gestalt-terapia: revisitando o caminho**. São Paulo: Summus, 2011.

RIBEIRO, J. P. **O ciclo do contato**. São Paulo: Summus, 2021.

RODRIGUES, A. C. T. Karl Jaspers e a abordagem fenomenológica em psicopatologia. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, v. 8, n. 4, p. 754-768. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/xwYw4QxWhhxHSDQjjyhMyQB/?lang=pt#>.

ROEHE, M. Contribuições da analítica existencial de Martin Heidegger para o pensamento sobre saúde. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 7, n. 1, p. 128–138. doi:
<https://doi.org/10.17267/2317-3394rpds.v7i1.1679>.

SANTOS, M. A.; SILVA, P. F. A. L.; NASCIMENTO, L. C.; FARINHA, M. G. Psicoterapia de abordagem gestáltica: um olhar reflexivo para o modelo terapêutico. **Psicologia Clínica**, v. 32, n. 2, p. 357-386. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652020000200009.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução: João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2014.

SCHILLINGS, A. Concepção de neurose em gestalt-terapia. *In*: FRAZÃO, L. M.; FUKUMITSU, K. O. (orgs). **Gestalt-terapia: conceitos fundamentais**. São Paulo: Summus, 2014. p. 193-215.

SOUSA, A. L.; THUROW, C. F.; RODRIGUES, G.; SCHNEIDER, D. R. Diálogos da psicologia existencialista com o conceito de território. **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, v. 26, n. 3, p. 339-349. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-68672020000300010&lng=pt&nrm=iso.



Revista Fenexis: Estudos Fenomenológico-Existenciais

STRAUB, R. O. Introdução à psicologia da saúde. *In*: STRAUB, R. O. **Psicologia da saúde: uma abordagem biopsicossocial**. 3. ed. Tradução: Costa, R. C. Porto Alegre: Artmed, 2014.

TEIXEIRA, N. M. A. Querer-se livre e querer-se moral é uma só e mesma decisão: Simone de Beauvoir e a ética da ambigüidade. **Griot: Revista de Filosofia**, v. 17, n. 1, p. 398-412. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/786>.